



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LIDIANE FELIPE HERMINIO

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Guarabira-PB

Maio, 2016

LIDIANE FELIPE HERMINIO

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, sob a orientação da professora Ms. Luciana Calissi, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Guarabira-PB

Maio, 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

H554i Herminio, Lidiane Felipe
A importância do estágio na formação docente: [manuscrito] :
uma experiência em história / Lidiane Felipe Herminio. - 2016.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Luciana Calissi, Departamento de História".

1. Estágio Supervisionado. 2. Formação Docente 3. Ensino
de História. I. Título.


21. ed. CDD 981

LIDIANE FELIPE HERMINIO

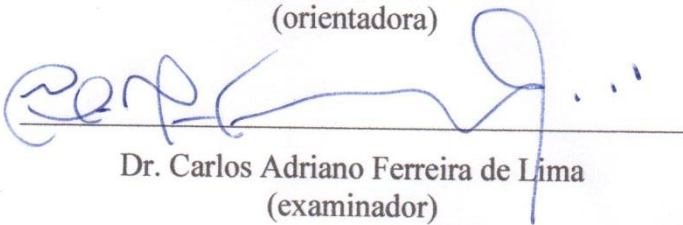
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: uma
experiência em História.

Relatório de Estágio Supervisionado
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III,
sob a orientação da professora Ms. Luciana
Calissi, para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.

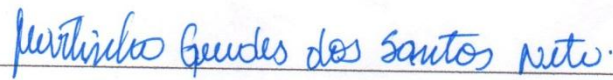
Aprovado em 25 / 05 /2016



Ma. Luciana Calissi
(orientadora)



Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
(examinador)



Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto
(examinador)

Guarabira-PB
Maio, 2016

AGRADECIMENTOS

“Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo?”

(Salmos 116:12)

“Deem graças ao SENHOR porque Ele é bom e seu amor dura para sempre.”

(Salmos 136:1)

Primeiramente agradeço ao meu Deus, pela dádiva da vida, pelo seu amor por mim, pela sabedoria e força, por ter me guiado em cada passo dado na vida e nesta etapa que se finda. A ele toda honra e toda a glória.

Conclui-se mais uma etapa da minha vida, é mais uma conquista alcançada. Durante os cinco anos de graduação passei por muitos momentos bons, de aprendizado e também por dificuldades. Mas, que com o apoio e contribuição de algumas pessoas consegui prosseguir nesta caminhada.

Agradeço aos meus pais, irmãos e toda família pelo amor, apoio e todo incentivo dado.

Agradeço a todo corpo docente do curso de História do Campus III, pelos bons momentos nas aulas e também fora delas, por todo o conhecimento que certamente levarei comigo para toda a vida. E aos demais servidores que fazem parte da coordenação do curso, por toda atenção dada a nós alunos.

Aos meus companheiros da turma 2010.1 tarde, com quem passei um ano e tive minhas primeiras experiências acadêmicas. Aos meus companheiros da 2010.1 noite, que foram meus companheiros de luta, que alegraram minhas noites. A ambos pelas conversas antes e após as aulas, tão cheias de conhecimento.

A minha querida amiga Patrícia Alves, minha companheira em todas as atividades.

As minhas amigas de infância Ana Cleuma e Géssica, por persistirem junto comigo nos estudos para ser aprovada no vestibular.

As minhas queridas Millene e Juliana, por te me ouvido e me ajudado em alguns momentos de preocupação e dificuldades que tive com relação ao curso, e pelo seu carinho. E também a todos que me ajudaram, me ouviram, e que nas dificuldades me deram forças e que me faziam acreditar que conseguiria vencer qualquer obstáculo que veio ou viesse a surgir durante minha graduação.

A todos, o meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar experiências vivenciadas em minha trajetória escolar e no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em História, realizado no período de 2013 e início do ano 2014. Pretende discutir a importância do estágio supervisionado e de que forma as experiências vivenciadas durante este período contribuem com a formação docente.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação docente; Ensino de História.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	08
CAPÍTULO I:	
MEMORIAL ESCOLAR _____	10
CAPÍTULO II:	
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE _____	16
CAPÍTULO III:	
OBSERVAÇÃO, OFICINA DIDÁTICA E REGÊNCIA _____	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	25
REFERÊNCIAS _____	27
ANEXOS _____	29

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso consiste no relato de atividades de estágio supervisionado realizado enquanto aluna do curso de licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Apresento aqui os meus registros de observação, oficina didática e regência, tendo como objetivo a análise destas experiências sob a perspectiva da relação entre a teoria vista por mim em sala de aula enquanto aluna e a prática do ensino no estágio, na tentativa de mostrar a importância do estágio na formação docente.

Minha experiência como aluna do Ensino Básico; como o ensino de História era no meu tempo escolar. Um contraponto da minha vivência escolar com a minha experiência no Estágio tendo em vista a importância do Estágio para a formação docente. A percepção de como a relação teoria e prática ocorre, ou não, no cotidiano escolar e na minha experiência de Estágio, e até que ponto consegui estabelecer o encontro (ou desencontro) entre ambas. Estes são os principais apontamentos a serem apresentados neste trabalho.

Estes apontamentos devem contribuir para a discussão da minha problemática ou inquietação sobre o ensino de História; a tão falada relação teoria e prática. A teoria aqui vista não só como os conteúdos disciplinares estudados na Universidade nas diversas áreas de conhecimento como História do Brasil, História Antiga ou da Paraíba, mas como os demais procedimentos de pesquisa e de abordagem do conhecimento histórico, como a relação passado-presente, análise de documento, que nos ajuda a entender melhor as práticas e seus desafios. A prática como momento de desenvolver o conhecimento histórico junto aos alunos a partir da teoria, ou seja, forma de tornar o conhecimento histórico significativo.

O ensino de História no meu tempo escolar era o tradicional, conhecido como “decoreba”. O professor era um reprodutor do conteúdo do livro didático, nas aulas não havia um diálogo entre professor e aluno, os exercícios e avaliações eram voltados a memorização. Na universidade vi como o ensino de História precisa ser mudado, a necessidade de novas metodologias de ensino, a introdução de novos conteúdos, de novas culturas. Sair dessa linha tradicionalista.

As inúmeras questões levantadas pelos professores durante o curso, as dificuldades apresentadas, sendo sentidas na prática. Como o sistema de ensino do nosso país é refletido no dia-a-dia da escola. A falta de um bom material didático, ou o mau uso dele; a desvalorização do professor, a falta de estímulo em sala de aula, dentre tantos outros problemas existentes, são aqui também, em certa medida abordados.

O trabalho é dividido em três capítulos, tendo como primeiro um Memorial da minha trajetória educacional. O segundo capítulo traz a importância do estágio na formação de

professores. A experiência única do primeiro contato com o alunado, com a sala de aula, como um professor. E também com as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos no ensino público no nosso país. E o terceiro expõe a estrutura da unidade escolar em que o estágio foi realizado, desde o corpo administrativo a parte física. Relata a realização da oficina didática e da regência em estágio.

CAPÍTULO I

MEMORIAL ESCOLAR.

Eu Lidiane Felipe Herminio iniciei minha vida escolar no ano 1995, com 3 anos e 9 meses de idade na Escola Municipal Alice de Almeida Carneiro, na cidade em que resido, Araçagi-PB. Nela cursei a pré-escola I e II, a alfabetização e a primeira fase do Ensino Fundamental. Foi lá, na pré-escola I que aprendi as letras, os números, a sublinhar, colorir os desenhos e também conheci outras crianças que até hoje tenho como amigas. Na época minha família não tinha muitas condições financeiras, mas o essencial para eu estudar não faltou. Eu tinha duas professoras, Glauca e Ineida. Glauca era um pouco rígida, séria, o que me fez ter medo dela, recordo-me até de uma “bronca” que ela me deu tão sem motivos. Ineida era muito simpática, um “doce” de pessoa, seu jeito me ajudou muito nos meus primeiros aprendizados.

Na pré-escola II tive como professora Lourdinha, não me recordo bem como foi, mas me lembro das tarefas de casa, das primeiras soletrações e palavras lidas. Na alfabetização já tirava exercícios do quadro-negro, já separava as vogais das consoantes e já lia mais corretamente. Até então eu só tinha estudado no turno manhã, e na 1ª série fui matriculada no turno tarde.

A minha nova turma era de pessoas de uma faixa etária bem mais velha que a minha, alguns até já tinham filhos (não me recordo se a modalidade de ensino era EJA), não consegui me adaptar a aquela turma, eu não conseguia assistir a aula inteira, era outro mundo para mim, um mundo que ainda não me cabia! Então fui transferida para o turno da manhã, voltei a minha antiga turma, e junto com ela cursei a 1ª, 2ª e 3ª séries, e nesses anos aprendi as operações matemáticas, a interpretar os textos e a gramática em português, a fazer redações, a estudar o sistema solar, as datas comemorativas como: independência, proclamação da República em Estudos Sociais, o solo, o meio ambiente, o corpo em ciências, e muitas outras coisas.

Na 4ª série, para minha surpresa, houve um erro em minha matricula, tive que estudar no turno tarde, me separar da minha turma novamente, e o medo de não me adaptar surgiu em mim. Mas no primeiro dia de aula quando conheci minha nova professora, era a mesma que tinha me ensinado na pré-escola I, Ineida, e que me reconheceu. Com a turma foi fácil, logo me adaptei e me tornei amiga de todos e foi uma experiência muito boa para mim. Concluindo a 1ª fase do fundamental, tive de mudar de escola no ano 2002, para a Escola Municipal Agripino Ribeiro Filho, e nessa 2ª fase volto a estudar com a minha turma do início.

Era tudo muito diferente para mim, novas disciplinas, novos e vários professores, com cinco ou seis aulas por dia. Tive meus primeiros conhecimentos com uma língua estrangeira, com um computador, com a História e a Geografia separadas, porque antes eram juntas em Estudos Sociais. A metodologia usada era a tradicional, a famosa “decoreba” que só fazia os alunos decorarem o conteúdo, não estimulava o pensar/analisar, formar uma crítica do conteúdo. Segundo CAIMI (2007),

[...] escola tradicional, voltados para a aquisição cumulativa de informações, com suas conhecidas características no ensino da História: ordenação mecânica de fatos em causas e conseqüências; cronologia linear, eurocêntrica, privilegiando a curta duração; destaque para os feitos de governantes, homens, brancos, numa visão heroicizada e idealizada da História; conteúdos apresentados aos alunos como pacotes-verdades, desconsiderando e desvalorizando suas experiências cotidianas e práticas sociais. (p.20)

Mas, para mim, na época, era a melhor metodologia, afinal era a única que até então eu conhecia e que funcionava bem em sala, conseguíamos aprender o conteúdo dos livros didáticos, mas hoje sei que apenas isso não é suficiente para um bom aprendizado, que era apenas um ensino superficial.

Bem, eu me esforcei, sempre prestando atenção nas aulas, estudando em casa, fazendo todos os exercícios e trabalhos, lendo os livros didáticos e procurando não faltar às aulas, e obtive resultado, as minhas notas quase sempre eram boas, na 7ª série consegui concluir o ano com todas as notas e médias 10,0 na disciplina de História.

Tive professores dedicados a profissão, ao ensino, como o professor João Paulo Fernandes, quando aprender Matemática se tornou fácil com ele. Mas tive também professores que pareciam desestimulados a dar aula, e que se um aluno ficasse em recuperação chegava ao ponto de dizer que o aluno só dava trabalho, mas que não via que era o resultado de sua desmotivação. Verificando alguns materiais que ainda possuo, nos primeiros anos dessa fase na disciplina de história estudei a expansão colonial portuguesa, as missões religiosas dos jesuítas, a Independência do Brasil, o Primeiro Reinado, as Regências, as principais rebeliões desse período, o Segundo Reinado, a República, as Revoluções Industrial e Francesa, entre outros. Mas era um ensino tradicional, com o uso do livro didático, era feita a leitura e junto as explicações da professora e depois um exercício, onde o aluno só tinha de decorar.

Já na disciplina de geografia o modo de ensino era o mesmo que o de história, desenhava muitos mapas, e foi assim que conheci os estados brasileiros, as regiões, os países da América e outros de outros continentes. Portanto, o chamado tradicional às vezes funciona,

pois através deste método, aprendi a localizar e a me localizar no mundo. Nos últimos anos do fundamental II o ensino mudou, já não era mais tanta decoreba, mas ainda não havia um diálogo em aula entre professor e alunos. Já no estágio pude observar uma mudança, já não há tanta “decoreba” como antes. Há mais recursos sendo usados nas aulas, como por exemplo: vídeos educativos, o uso da internet para pesquisas. E o aluno tem seu espaço na aula para opinar, fazer alguma observação e isso vai ocasionando um diálogo entre alunos e professor. Percebi já uma mudança, uma tentativa de se aprimorar a relação teoria e prática.

Na regência pude notar que ainda há o ensino tradicional, não tanto quanto no meu Ensino Fundamental, mas que ainda há alunos e profissionais que veem o professor apenas como um reprodutor de conhecimento. Nas aulas que ministrei juntamente com minha colega de regência, Patrícia, nós buscamos apresentar aos alunos uma outra modalidade de ensino, demos a oportunidade e também incentivamos os alunos a se expressarem, darem sua opinião e assim criando um diálogo nas aulas.

Em 2005 concluí o Ensino Fundamental, deveria mudar de escola, mas o prefeito do município adotou o ensino médio nessa escola que eu estudava, e continuei nela. Cursei o 1º ano médio, fiz a prova do PSS da Universidade Federal da Paraíba, mas não obtive um bom resultado. Na metade do curso do 2º ano médio, o ministério da educação transferiu todos os alunos do ensino médio desta escola para uma escola estadual, pois a mesma não possuía registro de escola de ensino médio no MEC. E no ano 2007 fui estudar na Escola Estadual Francisco Pessoa de Brito. A junção das turmas das duas escolas não deu certo, pois se tornou uma turma grande, e passou a ter mais barulho e não havia a aceitação dos novos alunos, o que acarretou em discussões entre alunos diariamente.

Nessa metade do 2º ano eu posso dizer que não tive ensino de história, pois a professora não correspondia às minhas expectativas de uma professora atenciosa e comprometida, uma vez que não percebia estímulo em sua prática docente, e como as aulas eram uma das últimas, ela sempre saía mais cedo e não dava aula na minha turma, como também por qualquer outro motivo não dava aula nas outras turmas. Não tive exercícios, explicações, avaliações e como atividade para nota mandava elaborar questões a partir de textos que os alunos tinham em seus cadernos trazidos da escola anterior. E isto gerou dificuldades em nosso aprendizado. Felizmente não vi isto acontecer durante meu estágio.

No 3º ano foi feita uma divisão dessa turma que veio do 2º, o que conseguiu acabar com as discussões. Tive uma professora de português responsável, dedicada. Ana Maria foi a melhor professora de português que tive, os conhecimentos adquiridos através dela foram fundamentais na minha aprovação no vestibular. Foi com ela que aprendi a fazer melhores

textos, as regras de produção textual e também obtive mais conhecimento sobre a literatura brasileira. O professor de história mudou, este era rígido, mas um bom professor, e passamos realmente a ter aula de história, mas logo as dificuldades surgiram, a turma não conseguia acompanhar o conteúdo, e vieram as notas baixas, que provavelmente foram consequência da falta de ensino no 2º ano. Mas com muito esforço fui aprovada e concluí o ensino médio em 2008, com muitas dificuldades, com essa realidade que é o ensino público no Brasil, onde eu e vários outros alunos cursamos todo o ensino médio com apenas livros didáticos em duas disciplinas, português e biologia, mas que mesmo assim com esforço, dedicação fui aprovada em todos os anos escolares.

Prestei vestibular em 2008 na Universidade Estadual da Paraíba, para o curso de Direito. Me arrependi da minha escolha na inscrição, pois não era exatamente o que eu queria, escolhi por estímulo de outras pessoas. E isto fez que com que eu não me dedicasse tanto, mas por vontade de meus pais fiz cursinho pré-vestibular na cidade de Guarabira-PB, mas mesmo assim não fui aprovada. Nesse cursinho pré-vestibular me encantei com a disciplina de História apresentada pelo professor Neto, mas ainda não foi o suficiente para minha escolha.

Em 2009 iniciei um curso técnico na área de saúde bucal em João Pessoa-PB e continuei a fazer cursinho pré-vestibular em Guarabira. Foi um ano ainda mais dedicado aos estudos, estudava todos os dias durante a tarde e à noite. Eu queria cursar fisioterapia, mas meus pais não permitiam que eu fosse estudar em uma cidade distante onde o curso é oferecido. Então só me restava fazer um dos cursos da UEPB campus III. Fiquei na dúvida entre Letras e História, acabei optando por história por causa do primeiro cursinho pré-vestibular que fiz. Continuei a estudar, fiz as provas do vestibular, e em janeiro de 2010 fui aprovada em 11º lugar no curso de História, não foi motivo de alegria para mim, pois tinha sido aprovada no concurso público da Prefeitura Municipal de Píripituba, para o cargo de auxiliar em Saúde Bucal, e havia começado a trabalhar e como eu tinha escolhido o turno tarde, não sabia se eu iria poder cursar.

Eu tinha de fazer uma escolha, trabalhar ou estudar, eu queria muito estudar, mas eu sabia que minha família me faria optar pelo trabalho, era um cargo efetivo, não ia ser fácil conseguir outro. Mas mesmo assim fiz minha matrícula, contei minha situação a professora Alômia, que era coordenadora do curso, ela me disse que eu só poderia mudar de turno depois de cursar um ano e me aconselhou a ir as primeiras aulas. Eu conversei com os professores para eu ficar assistindo as aulas a noite e matriculada a tarde, e assim foi o ano inteiro, estudando a noite e dois dias a tarde. Algumas vezes pensei em desistir, trabalhar e estudar

estava sendo demais para mim, mas eu pensava em todo meu esforço e dedicação de um ano inteiro me preparando para o vestibular e segui em frente.

Ao iniciar o curso me deparei com uma História totalmente diferente daquela que eu tive em toda vida escolar, era Estudo da História, Teoria da História, eram outros conceitos, outros autores. Trabalhos e aulas diferentes daquelas que tive no ensino fundamental e médio. Foi aí que eu vi que era na universidade que eu realmente iria começar a estudar. Era um novo mundo, com pessoas tão diferentes das que eu sempre convivi, mas que me apresentaram tantas coisas da vida.

Eu fui privilegiada em ter estudado em duas turmas e ter feito muitos amigos nelas, em poder participar de conversas depois das aulas, sempre tão cheias de diferentes tipos de conhecimentos. Participei de Cursos de Extensão sobre literatura e cinema, sobre as peças de Shakespeare e sobre o espaço urbano social, fiz parte de um grupo de estudos sobre o Império e de um mini curso sobre a obra de Gilberto Freyre. Mas queria ter tido a oportunidade de fazer outros cursos, de poder participar de eventos, coisas estas que seriam fundamentais na minha formação. Mas, que infelizmente fui impossibilitada pelo trabalho. Mas, apesar disso, pude aprender muito, ganhar conhecimentos e não só na área de história, como também na vida.

Cada professor me passou aprendizados sobre a história, sociedade, sua metodologia de ensino que acredito que levarei comigo sempre na minha vida profissional, como também no pessoal. O exemplo de professor, que deve sempre lutar pelo direito a uma educação de qualidade no sistema público desse nosso país, onde as batalhas são cansativas, as escolas estão em decadência, os alunos não têm acesso a um bom material escolar e o professor não é valorizado. Mas, apesar dessa triste realidade, continuarei a acreditar e lutarei dando o meu melhor e também procurando aumentar o meu conhecimento dando continuidade aos estudos na área da educação e assim poder ser um melhor profissional.

Assim, pude descobrir a licenciatura como profissão. No estágio vi o verdadeiro valor de um professor, a grandeza que é ensinar, as dificuldades de ensinar História, de fazer o aluno se interessar pela aula, a necessidade do uso de novos métodos de ensino e incentivo da parte do professor, mas, também vi o quanto é gratificante cada esforço feito.

CAPÍTULO II

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

De acordo com a LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008.

Art. 1º. Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

(Capítulo I. da definição, classificação e relações de estágio).

É exatamente assim na prática, a participação em situações reais da vida , no ambiente de trabalho, no nosso caso, escolas públicas do Ensino Básico. É a oportunidade de vivenciar os conteúdos acadêmicos que estudamos durante o curso e desta forma guardar melhor o conhecimento, pois, sabemos que o aprendizado se torna muito mais eficaz quando se junta com a experiência.

O estágio funciona como um verdadeiro complemento, proporcionando uma nova abordagem ao conhecimento. É um processo de aprendizagem indispensável, está nele a oportunidade de aprender a relação entre a teoria e a prática, compreender as peculiaridades da profissão, conhecer a realidade do dia-a-dia, o desenvolvimento de habilidades, atitudes e competências individuais e a distinção daquilo que precisamos aprender e nos aperfeiçoar.

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Na formação docente não é diferente, o estágio é de suma importância.

Há muitas dificuldades no dia-a-dia de um professor. O mal comportamento de alguns alunos; salas de aula sem conservação, falta de bibliotecas; laboratórios e equipamentos necessários para a efetividade do processo de aprendizagem; e o baixo valor de seu salário, que faz com que enfrentem longas jornadas de trabalho e que é uma grande evidência da desvalorização da profissão. Mas que apesar de tudo tem seu lado gratificante e prazeroso. E é no estágio que temos o primeiro contato com essa realidade que escolhemos por profissão.

A observação do campo de estágio/trabalho e a regência nos propiciam a aquisição de conhecimentos e atitudes relacionadas a profissão, construir futuras ações pedagógicas, que são feitas a partir da junção da teoria com a prática. Junção que é fundamental na formação do profissional. Segundo PIMENTA (1995):

A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidade para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente. (p. 63)

No meu estágio a teoria, vista em sala de aula foi a base inicial para a prática e conforme foi acontecendo a regência, teoria e prática se complementaram, quando por exemplo, os conteúdos e métodos planejados para as atividades em sala, apresentaram resultados como diálogos, com questionamentos e opiniões diversas, uma ligação entre o conteúdo e problemas sócias ou a própria vida do aluno, possibilitando uma maior compreensão. Ou quando, em outros momentos, não apresentava o resultado esperado, e então se realizava a avaliação dos mesmos a partir da proposta teórica. Vivi os assuntos relacionados ao ensino abordados na universidade, os problemas da profissão, a saída da linha tradicionalista de ensino, o uso de uma metodologia que fizesse o aluno pensar e construir seu próprio conhecimento. Esse encontro da teoria com a prática no estágio foi fundamental na minha formação. Durante o estágio, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem (JANUARIO, 2008).

Até mesmo para aqueles que já atuam como professores, o estágio pode ser um meio de perceberem erros cometidos, e uma forma de adquirir novas experiências para a sua prática em sala de aula e assim fazer algumas modificações na sua maneira de lecionar, inovando, fazendo com que a troca de conhecimentos seja algo agradável.

O estágio deve ser uma experiência criativa e enriquecedora para o futuro professor, e não um espaço onde vai reproduzir na pratica, ensinar não é apenas transmitir conhecimentos; é fazer do aluno o agente da construção de seu próprio saber e de sua prática social. Cabe ao professor prover as experiências adequadas e necessárias e orientar os alunos na vivência dessas experiências (REGO, p. 40, 1992).

Fazer o aluno ser construtor de seu próprio conhecimento não é fácil quando ele está adaptado a um ensino tradicional, principalmente na disciplina de História, onde o professor é apenas um reprodutor do conhecimento, dos fatos ocorridos no passado. Na minha regência pude ver que alguns alunos esperam isto de um professor. Eles veem a história como algo

chato, desinteressante, o que faz com que as aulas sejam cansativas para eles e desestimulantes para o professor.

Um dos desafios que então busquei superar no estágio, foi a mudança desta postura minha e dos alunos. Buscar um ensino-aprendizagem mais interessante e “útil”, neste sentido, a relação entre teoria e prática se deu no momento em que busquei na teoria – conhecimentos teóricos e metodológicos da universidade, incluindo reflexões sobre o próprio estágio e ensino de História, que pude fazer a crítica e pensar novas possibilidades.

Graças a tudo isto, vejo que o ensino de História vem mudando ao longo do tempo. Tem sido introduzido novos conteúdos, como por exemplo a História da África. Que faz com que os alunos se identifiquem com a História, com as culturas de origem africana, uma vez que a maior parte dos alunos são descendentes africanos, e o Brasil um país predominantemente negro. Mas ainda há a necessidade de mais mudanças, mais conteúdos, como a História local, a utilização de novos métodos de ensino, trazendo os fatos passados para a atualidade, mostrando aos alunos como esses fatos influenciam na nossa vida hoje.

Dar a oportunidade do próprio aluno construir seu conhecimento é como se apresentasse um novo mundo a ele, onde ele pode pensar, questionar, criticar, criar seu próprio conceito das coisas, e as aulas passam a ser uma troca de conhecimentos. No meu estágio isso fez com que os alunos participassem mais das aulas, criando um diálogo em sala. E prover que o aluno seja agente da construção de seu próprio saber é um dos papéis mais importantes do professor.

Como podemos ver, o estágio supervisionado é muito importante para a aquisição de prática profissional, ele vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas, é um período em que o aluno pode colocar em prática todo o conhecimento teórico que adquiriu durante o curso, é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Um professor é um profissional de grandeza na vida de cada ser humano. É uma categoria que precisa e merece ser valorizada, apoiada e respeitada, pois sem esta profissão não é possível chegar a qualquer outra.

Assim, a experiência de estágio compreende-se importante em diversos aspectos. O Estágio por mim desenvolvido teve várias fases, mas as duas principais – observação e regência -, se deram nesta perspectiva acima colocada.

CAPÍTULO III

OBSERVAÇÃO, OFICINA DIDÁTICA E REGÊNCIA.

A experiência do estágio é essencial para a formação, é um desenvolvimento das teorias vistas em sala de aula. Ele nos proporciona compreender as peculiaridades da profissão, desenvolver habilidades e conhecer a rotina das escolas.

Lidar com as dificuldades do ensino, mas especificamente do ensino de História, fazer os alunos terem interesse pela disciplina, coisas que estarão presentes no nosso dia-a-dia como profissional. Nesse capítulo relato toda a experiência de planejamento e realização da Oficina Didática e da Regência, como tudo ocorreu, como foi lidar com as dificuldades e também o quanto foi gratificante e importante o estágio na minha formação.

A minha experiência como estagiária foi vivenciada juntamente com Patrícia Alves, João Paulo Gonçalves e Leonardo Xavier, nos dias 29 de julho, 13, 19 e 21 de agosto de 2013, no Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, localizado na Rua Henrique Pacifico, 267, Bairro Santo Antônio da cidade de Guarabira-PB. Onde tivemos encontros para diálogo e planejamento com o professor de História da unidade, observação e realização de oficina na turma do 3º ano EJA do turno noite.

Nesta etapa, observar o campo de estágio, compreende também, a observação da estrutura da escola. A unidade escolar tem uma boa estrutura, com seis salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, sala para os professores, secretaria, diretoria e pátio. Todos contendo câmeras de segurança, dispõe de computadores na secretaria e equipamentos como data show, televisão, DVD e aparelho de som portátil para serem utilizados nas aulas. As salas de aula possuem quadro-negro, mesa e cadeira para o professor, cadeiras escolares para os alunos e ventiladores de parede. Na entrada da unidade possui rampa, mas na parte interna não, ocasionando falta de acessibilidade para receber alunos com deficiência.

Dispõe das modalidades de ensino Fundamental, Médio e EJA, sendo fundamental e médio nos turnos manhã e tarde e EJA no turno noite. O centro possui um corpo administrativo, discente e docente que mostram ser organizados, com direção, adjuntos, secretárias, professores, conselho escolar e outros funcionários. Embora, aparentemente esta seja uma descrição simplista da estrutura escolar, ela é na verdade também importante, pois a estrutura muitas vezes ajuda a compreender o desempenho da escola como um todo. Assim, pude perceber que os estudantes têm um espaço razoável para desenvolverem suas atividades.

Os alunos da turma onde foi realizado o estágio são na maioria jovens entre 18 e 25 anos de idade, tendo apenas dois um pouco mais velhos. Estavam no início do curso do 3º ano na modalidade EJA. Em alguns pude notar que iam a escola só para terem um certificado de conclusão do Ensino Médio, são os chamados alunos “turistas”, em outros que além de certificado, buscam conhecimento, aprendizado e tem planos de cursar o ensino superior. Mas, cada um revela dificuldades para aproveitar o ensino; seja por terem tido de começar a trabalhar ainda muito jovens, por trabalharem o dia inteiro ou por já serem pais muito cedo. Experiências vividas que de certa forma teve alguma consequência na formação escolar deles, o que fez com que o grau de instrução da turma não fosse tão elevado.

A turma era composta por treze alunos, sendo em sua maioria do sexo feminino. E pude observar que aulas com recursos de vídeos ou imagens são mais atrativas, chamam mais a atenção deles, o que faz com que eles participem mais na aula. Esta observação contribuiu para o planejamento de futuras aulas de regência para turmas como essa. Na verdade, somente novas tecnologias não são suficientes para um ensino significativo, mas ajudam. Esses recursos tecnológicos, principalmente os audiovisuais tem promovido mudanças no processo de ensino e aprendizagem.

Já com o processo de reformulação dos Currículos Nacionais para o Ensino Médio no Brasil, reestruturado como meio de adequar os currículos as necessidades da sociedade contemporânea, é proposto a utilização de novas metodologias de ensino, através de filmes e o uso da informática. Assim, com o uso de diferentes tecnologias é possível transformar as aulas de História no ensino básico em uma matéria mais dinâmica, que desperte o interesse dos alunos, e na qual seja possível fazer relações com o tempo presente, e não apenas uma memorização e repetição de acontecimentos do passado. (SOSA; TAVARES, 2013)

Como parte da observação, a proposta do Estágio Supervisionado de História do Campus III, oferece oficinas didáticas para alunos na escola. Estas oficinas compreendem um momento onde o engajamento e diálogo na escola pública são realidades em construção.

É um importante dispositivo no processo de ensino-aprendizagem e sistematização dos conhecimentos, pois estimula a participação, a criatividade, é uma forma de construir conhecimento, ela envolve o sentir, pensar e agir, mudando o foco tradicional da aprendizagem e incorporando a ação e a reflexão.

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a

vivência de situações concretas através de sóciodramas, análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo-debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc, são elementos presentes na dinâmica das oficinas. (CANDAUI, p. 11. 1999.)

Assim, propusemos esta atividade à escola e ao professor que nos recebeu. A ideia era na verdade, realizar um outro tipo de observação para além das estruturas físicas.

O professor de história da unidade, Amadeu, foi bastante atencioso com os estagiários, reservou parte do seu tempo para se reunir conosco na sala dos professores, nos apresentou a escola, aos alunos, esclareceu nossas dúvidas, mostrou o perfil dos alunos, ouviu nossas experiências com sala de aula, os nossos planos para a oficina, nos ajudou a planejar, sugerindo o tema para a oficina, disponibilizou os equipamentos da escola para utilizarmos, se responsabilizou de reservar, de instalar na sala de aula, para que não faltasse nada na realização da oficina. Se disponibilizou para tudo que precisávamos.

Ele nos sugeriu como tema a ser trabalhado a Revolução Industrial por ser um tema que ele trabalha no 3º ano, e também que trouxéssemos o tema para a atualidade. Ele mostrou ser um professor responsável, interessado no ensino que seus alunos iriam ter, que na sua prática busca a qualidade de ensino.

Este foi o primeiro desafio na busca da relação teoria e prática no ensino de História. A oficina teve como objetivo compreender os fatos que levaram a revolução industrial na Inglaterra, analisar os processos da 1ª e 2ª revolução e seus desenvolvimentos, observando a forma como essa revolução industrial chegou nos dias de hoje, o seu reflexo na atualidade e nas nossas vidas.

O planejamento, a realização da oficina foi trabalhado em equipe e com a ajuda do professor. Pensamos uma forma para mostrar como a revolução industrial influenciou na nossa vida hoje -relação passado presente-. Decidimos trabalhar com imagens antigas e atuais, para isso fizemos slides com imagens de meios de transporte e comunicação, a evolução até os dias atuais, um exemplo disso foi o telefone que foi visto do primeiro ao atual que era os que os próprios alunos faziam uso. E também planejamos aplicar um questionário para que os alunos falassem mais o que entenderam, dessem sua opinião, pois o professor regente já havia nos falado da dificuldade de participação dos alunos. Como conteúdo, usamos os livros didáticos Ser Protagonista de Fausto Henrique G. Nogueira e Marcos Capellari e Sociedade Educacional da editora Positivo.

Os alunos gostaram, o tema foi trabalhado de uma forma que interessou a eles, e os recursos utilizados nos ajudou a conseguir a atenção deles e também a participação. Eles

mostraram interesse em ver as imagens, em saber como ocorreu a evolução dos meios de comunicação e transporte, e citaram eletrônicos que fizeram parte da infância.

Apesar do tempo limitado de duração da aula, pois as aulas na unidade escolar têm duração de 30 minutos e a oficina foi planejada para duas aulas; fizemos o que foi possível para esta estrutura. Pude perceber que as formas de organização, desde o horário até os recursos, influenciam no desempenho do professor e do aluno. Destas duas aulas, na primeira apresentaríamos aos alunos a Revolução Industrial, através de um diálogo com imagens e informações, na segunda faríamos a aplicação de um questionário de acordo com o diálogo da aula anterior. Mas a aplicação do questionário não foi possível por ter ocorrido um choque de horários, havia outra oficina com a mesma turma. Então, tivemos que encurtar a oficina, diminuir um pouco o conteúdo.

Contudo, trabalhamos o tema buscando trazê-lo para a atualidade, mostrando de que forma a Revolução Industrial influencia na vida deles. Mas, o pouco tempo que tivemos para realizar a oficina, fez com que ela se resumisse mais ao refletir, tendo de ser deixado de lado a ação/interação, o que fez com que a oficina não se diferenciasse tanto de uma aula convencional. Mas mesmo assim foi proveitosa. O tema que nos foi proposto pelo professor regente é bastante rico, contou muito para o conhecimento deles, e também como experiência para mim e para os outros estagiários de poder participar e proporcionar isto aos alunos. Já que no meu Ensino Básico não vivenciei uma experiência de oficina como aluna.

A relação teoria e prática se deu no momento em que conseguimos a participação dos alunos, quando eles voltaram sua atenção para a aula, para o conteúdo que estava sendo exposto. E a aula passou a ter uma interação em conjunto entre nós estagiários e alunos. Eles conseguiram relacionar o conteúdo com suas vidas, como o uso da tecnologia se tornou fundamental do dia-a-dia das pessoas, apontando benefícios e consequências da Revolução Industrial na vida cotidiana deles.

A segunda etapa do estágio, a regência, tem como principal objetivo preparar e ministrar aulas nas salas tendo como base, para além da observação, a prática a partir da realidade e do planejamento do professor regente da escola; ou seja, uma aula mais convencional diferente de uma proposta de oficina. Minha regência teve início com a nossa ida, minha e de Patrícia Alves ao Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho no mês de novembro de 2013, onde o professor Amadeu nos recebeu mais uma vez. Conversamos, esclarecemos nossas dúvidas, o professor nos apresentou o conteúdo que estava sendo ministrado na turma do 3º ano A da modalidade EJA do turno noite, o livro didático usado, e o assunto da nossa primeira aula. Esta ocorreu entre a primeira e segunda semana do mês de

novembro de 2013, tendo como tema a Guerra de Secessão, com duração de 30 minutos. Fizemos o uso de slides e texto complementar para os alunos.

Com uma exposição sobre o tema, mostrando causas, consequências, alcançando a compreensão sobre as turbulências, divergências entre os estados do norte e do sul e analisando de um modo geral a guerra e seus reflexos na história. Foi uma aula bastante proveitosa, mesmo sendo pouco tempo, mas conseguiu prender a atenção dos alunos e contar com a participação dos mesmos. Ao fim aplicamos uma atividade com questões para serem respondidas a partir da aula e do texto complementar e corrigidas pelo professor Amadeu. Planejamos a aula na busca de alcançar a participação dos alunos, de aplicar a teoria que foi vista em sala de aula na prática do estágio. Então, propomos um diálogo, levantando questões para que os alunos dessem sua opinião e também se sentissem estimulados a questionar sobre o conteúdo.

A segunda aula ocorreu no dia 20 de novembro de 2013, tendo como tema a Expansão para o Oeste e duração de 30 minutos. Fizemos uso do vídeo aula Estados Unidos da América – Marcha para o Oeste e Guerra da Secessão, com duração de 6 minutos, slides e texto complementar para os alunos. O vídeo tratava sobre o que contribuiu para a Expansão Territorial dos EUA. Como a Conquista das Terras Indígenas, a Corrida para o Ouro, a Construção de Ferrovias e a Guerra contra o México influenciou para a ampliação do território americano e também para a Guerra de Secessão, complementando a aula anterior. Ele foi escolhido por ser bastante explicativo tanto nas falas como nas imagens.

A aula propôs um diálogo entre os alunos, analisando a expansão, o que foi ela, suas consequências e o papel que os EUA tiveram e também seus reflexos na atualidade, a partir da relação que fizemos com o presente. Foi tão proveitosa quanto a anterior, o modo como uma complementou a outra, a participação dos alunos. Fizemos uma atividade com questões para os alunos, que por consequência do pouco tempo, foi aplicada em uma aula seguinte pelo professor Amadeu.

A terceira aula ocorreu no dia 09 de dezembro de 2013, tendo um intervalo entre ela e as anteriores por conta de feriados municipais e reuniões na escola, o que fez com que a aula ocorresse em um período de provas finais e que não era o mais indicado. Por ser período de provas o tempo da aula foi diminuído.

O tema da aula foi a Independência das colônias da América Espanhola e do Haiti. Fizemos uso do vídeo As Revoluções Americanas, com duração de 8 minutos, slides e texto complementar. O vídeo tratava de como as ideias revolucionárias europeias modificaram

completamente as relações entre a Europa e as Américas, a rivalidade nascida depois de anos de ocupação colonial.

Propomos um diálogo com os alunos, abrindo uma discussão sobre a independência, as lutas, os negros. Buscando entender como se deu a exploração das colônias e as diferenças sociais e econômicas do período. Ao fim uma avaliação com questões subjetivas que foram corrigidas pelo professor Amadeu.

Para estas aulas usamos como fonte de pesquisa dos temas desenvolvidos a internet. Sites, revistas, blogs sobre História e ensino. A partir disto e também de conteúdos vistos na universidade, em História das Sociedades Americanas e História da América Contemporânea, como A Independência dos EUA e Democracia Terrorista. Planejávamos as aulas e preparávamos textos complementares para os alunos. Nas aulas buscávamos trazer os temas para a atualidade, tentando comparar a situações mais atuais e de melhor entendimento para os alunos. E a partir das informações que eram dadas aos alunos, dos questionamentos feitos por eles e opiniões dadas, surgia um diálogo em aula, uma aproximação entre estagiarias e alunos, tornando a aula mais prazerosa e significativa.

No ano letivo de 2013, houve uma greve de professores e funcionários na Universidade onde realizávamos a disciplina de Estágio Supervisionado. Assim, o ano letivo na universidade ficou um pouco atrasado por conta da greve, o que fez com que parte das aulas do estágio tivesse de acontecer em 2014, mas ocorreu um problema, pois a escola em que estava estagiando ficou sem professor de história e não foi possível dar continuidade a regência e também não havia vaga em outra instituição, então a professora de ESO I Luciana Calissi, sugeriu uma aula ministrada a própria turma na universidade, como outra forma de experiência docente, e a possibilidade do debate de nossa aula diretamente com nossos colegas.

A quarta aula ocorreu, portanto, no dia 27 de fevereiro de 2014, no 4º ano A de graduação em História do campus III da UEPB, tendo como tema as Celebrações e Poderes simbólicos na visita de D. Pedro II a Parahyba do Norte-1859, sendo escolhido por mim e minha colega de estágio Patrícia Alves. No planejamento usamos o texto Presença de D. Pedro II na Parahyba de Maurilio Augusto de Almeida que fez parte do conteúdo de um grupo de estudos sobre o Império, que participávamos.

Com duração de 40 minutos e uso de texto complementar. A aula foi uma exposição sobre a vinda de D. Pedro II a Parahyba do Norte, os rituais da monarquia brasileira, os preparativos para a sua chegada, e a visão dos parahybanos a cerca disto. Tendo como objetivo analisar e compreender as celebrações promovidas, os poderes simbólicos e as

estratégias usadas pela elite local na visita do Imperador. Ao fim, como atividade uma leitura complementar. Foi algo meio fora da realidade do estágio, por que não teve dificuldades que se tem com os alunos, nem as dificuldades que se tem em escola pública, como falta de participação dos alunos, problemas com o horário de aula reduzido. Mas foi muito proveitoso, nossos colegas contribuíram bastante, mostraram seu conceito acerca do tema e foi muito bom pra todos retomar a História da Paraíba.

O estágio foi uma experiência única, a rotina da escola, o contato com os alunos, com um professor de escola pública, com a realidade e as dificuldades do ensino, que professores, diretores e alunos vivenciam é algo que evidentemente vai contar muito na minha prática docente. Além disto, construiu uma outra compreensão sobre a escola e o ensino diferente da que eu tinha como aluna desta escola básica.

Na grade curricular da Universidade, principalmente as disciplinas que são voltadas para o ensino de História, muitas teorias nos são apresentadas, e nos faz criar um conceito do que é o ensino de História, do que é a prática docente e até mesmo das dificuldades de ser um professor no sistema público de ensino.

Eu como uma aluna que sempre estudou no ensino público, que tive um ensino de História tradicional, que tive professores desmotivados, a partir dessas teorias passei a ver que o ensino de História deve ser mudado, sair dessa linha tradicionalista. Não desvalorizando o que é ensinado, o que está nos livros didáticos, mas introduzir novos conteúdos, como por exemplo a História local, e também uma nova metodologia de ensino, que estimule o aluno a pensar, a construir seu próprio conhecimento.

O estágio me fez ver que os problemas do ensino não são tão fáceis de resolver. Ser um profissional que precisa ter mais de um emprego, com uma grande jornada de trabalho diária, com alunos desinteressados, ele não se sente nem um pouco motivado. Mas, também pude ver que se ele tiver um ou dois alunos que sejam interessados, que busquem conhecimento, o professor vai dar seu melhor, por acreditar que vai valer a pena. E ainda que, o desinteresse dos alunos também pode se reverter a partir de aulas com mais significado para eles e professores que merecem ser mais estimulados e valorizados.

Enfim, o estágio é indispensável no processo de aprendizagem ao oportunizar a relação teoria e prática, uma junção que me fez perceber melhor a construção do conhecimento com a experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembro-me do primeiro dia de aula, estava ansiosa e preocupada, não sabia se iria cursar ou não. Mas, ao chegar no Campus, me deparei com um lugar tão diferente dos que eu costumava frequentar. Era tanta coisa nova para mim, tantas pessoas. Logo vieram os professores nos dar boas-vindas, pareciam curiosos em ver a nova turma, assim como nós em conhece-los, em conhecer tudo.

No decorrer daquela semana, as aulas me apresentaram uma História totalmente diferente daquela que eu conhecia, da que não me fez optar verdadeiramente pelo curso de História. Mas aquela história me despertava uma curiosidade, uma vontade de saber, de conhecer mais a ela.

Hoje, pensando nestes cinco anos passados me vem a memória tantos momentos vividos, tantos conhecimentos adquiridos, tantas pessoas conhecidas. As aulas, as rodas de conversa, os cursos de extensão, grupo de estudos, me proporcionaram conhecimentos e conceitos que levarei sempre comigo, pois me fizeram ver o mundo, a sociedade, a nossa história com um novo olhar.

No estágio eu pude vivenciar dois lados. O primeiro que é o relatado neste trabalho, onde tive uma experiência muito boa com a oficina e a regência. Aulas bem participativas, alunos presentes, onde pude fazer uma tentativa do aluno ser o agente da construção do seu próprio conhecimento, e obtive bons resultados.

O segundo, a regência do meu segundo ano de estágio. Onde tive muitas dificuldades pela falta de aulas na instituição por diversos motivos, falta de equipamentos para serem usados na aula, e até mesmo a falta de participação como também presença de alunos.

Foi uma regência cheia de dificuldades, onde não se teve a oportunidade de trabalhar com uma metodologia melhor, onde se chegou ao ponto de ter que pedir aos alunos que ficassem presentes na aula.

O meu estágio me proporcionou essas duas experiências, um bom resultado e um mau resultado. Duas experiências que contarão bastante na minha prática docente, pois temos de estar preparados tanto para algo positivo, como também negativo, com dificuldades. E isso o meu estágio me proporcionou.

Foi uma experiência grandiosa. Porque nunca antes tive experiência nenhuma como professora. Foi nele que pude desenvolver habilidades e atitudes relacionadas a profissão, fazer com que a aula fosse interessante, que chamasse a atenção do aluno e também o fizesse participar. Conhecer a realidade dos alunos do EJA, saber um pouco da vida de cada um, dos

problemas que tiveram, o porquê de estarem cursando o EJA. Conversar com o professor que está ali dando aulas há anos numa escola pública, que conhece tudo da profissão, que sabe lidar com qualquer situação. Planejar a aula e no momento ela não ser da forma que foi planejada, mas que vai sendo moldada pelo jeito e participação dos alunos e ao fim ser melhor do que havia sido no planejamento. Ou, até mesmo se sair tudo errado. Tudo vale como experiência para o futuro.

E também por conhecer a realidade da educação pública de nosso país, já não me era estranha por eu sempre ter estudado em escola pública, mas dessa vez eu a estava vendo com um outro olhar, que me deu uma dimensão de quão grande é o problema, o desrespeito e a desvalorização com o grupo de pessoas que fazem a educação brasileira. Mas, também que me deu uma esperança dessa triste realidade da educação mudar e também de contribuir de alguma forma para isto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Sandra. PAIM, Elison Antônio. **Estágio: contribuições para a formação do professor de história.** História & Ensino, Londrina, v. 12, p.187-202, agosto, 2006.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho (Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos).** In: http://www.dhnet.org.br/dados/oficinas/dh/br/pb/oficinas_pb/part1.htm - acesso em: 12 de maio, 2016.

Conhecimento na escola pública. In: Anais Educação, Cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambu - MG: ANPEd, 2006.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Rio de Janeiro/RJ: Tempo, 2007. v11n21a03.

DAMINELLI, Silvane; SOUZA, Ana Cláudia de. **Os Limites e as Possibilidades do Uso dos Recursos Tecnológicos para o Ensino da Leitura.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. In: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_273.pdf. Acesso em: 11 de maio, 2016.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** Cas. Cedes, Campinas, vol.25, n.67, p. 378-388, set./dez. 2005.

FLÁVIA, Eloisa Caimi. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Disponível em: <http://www.scielo.br>

GARRIDO, Selma. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade entre Teoria e Prática?.** Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p.58-73, agosto, 1995.

<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/237/190>. Acesso em: 11 de maio, 2016.

JANUARIO, G. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor.** Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário.** Bauru: Instituto de Ensino superior de Bauru, 2011.

MOITA, Filomena G. S. Cordeiro; ANDRADE, Fernando César B. **O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como Dispositivo para a formação docente e a construção do**

Conhecimento na escola pública. In: Anais Educação, Cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambu - MG: ANPEd, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na formação de Professores: Unidade entre Teoria e Prática. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 94, ago. 1995 – Fundação Carlos Chagas.

REGO, Marion Villas Boas Sá. **A teoria na Prática é outra: Estágio supervisionado nos Cursos de Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

SILVA, Marcos Antônio da. FONSECA. Selva Guimarães. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33, 2010.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm. Acesso em: 04 de jun. 2015.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm

<https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/estagio/Cartilha.pdf>

ANEXOS

ROTEIRO OFICINA DIDÁTICA**Grupo:**

Patrícia Alves, Leonardo Xavier, Lidiane Felipe e João Paulo Gonçalves

TEMA:

A revolução industrial

PÚBLICO ALVO:

3º ano médio EJA

JUSTIFICATIVA:

A oficina visa propor um diálogo com os alunos analisando as etapas da revolução e o seu reflexo na atualidade e nas nossas vidas.

OBJETIVO GERAL:

Analisar a revolução industrial e seus reflexos em nossas vidas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender os fatos que levaram a revolução industrial na Inglaterra
- Analisar os processos da 1ª e 2ª revolução e seus desenvolvimentos
- Observar a forma com essa revolução industrial chegou nos dias de hoje (revolução tecnológica).

RECURSOS DIDÁTICOS:

Datashow

REFERENCIAS:

CAPELLARI, Marcos A. NOGUEIRA, Fausto Henrique G. **Ser protagonista**. Volume 2. São Paulo: Edições SM, 2010.

COPYRIGHT 2001. **Sociedade educacional**. Curitiba: Editora Positivo, 2001.

PLANO DE AULA

GRUPO:

Patrícia Alves dos Santos e Lidiane Felipe Hermínio

TEMA:

A Guerra de Secessão

PÚBLICO ALVO:

3º ano médio EJA

JUSTIFICATIVA:

Uma exposição sobre o assunto para mostrar causas, consequências e o porquê da guerra.

OBJETIVO GERAL:

Analisar a guerra e seus reflexos na história em geral.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Compreender as turbulências entre o norte e o sul, divergências e por que que a região sul dos EUA foi derrotada.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Datashow, texto com o conteúdo para os alunos.

ATIVIDADES:

Questões para serem respondidas a partir da aula e do material.

REFERÊNCIAS:

www.suapesquisa.com/historia/guerradesecessão.htm

www.educação.uol.com.br/disciplinas/guerra-de-secessão-o-conflito-separatista-nos-estados-unidos.htm

PLANO DE AULA

GRUPO:

Patrícia Alves dos Santos e Lidiane Felipe Hermínio

TEMA:

Expansão para o Oeste

PÚBLICO ALVO:

3º ano médio EJA

JUSTIFICATIVA:

A aula visava propor um diálogo com os alunos analisando essa expansão e o seu reflexo na atualidade, nesse espaço que nos rodeia.

OBJETIVO GERAL:

Entender o que foi essa expansão e o papel dos EUA nela e perceber seu autoritarismo.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Fazer o aluno compreender as consequências dessa expansão

RECURSOS DIDÁTICOS:

Datashow e o vídeo Estados Unidos da América – Marcha para o Oeste e Guerra da Secessão

REFERÊNCIAS:

www.historiadomundo.com.br/idade-contemporânea/marcha-para-o-oeste.htm

www.portalsãofrancisco.com.br/alfa/guerra-de-secessão/guerra-de-secessão4.php

www.onfoescola.com/historia/expansão-territorial-dos-eua/

PLANO DE AULA

GRUPO:

Patrícia Alves dos Santos e Lidiane Felipe Hermínio

TEMA:

Independência das Colônias da América Espanhola e do Haiti.

PÚBLICO ALVO:

3º ano médio EJA

JUSTIFICATIVA:

A aula visava propor um diálogo com os alunos, trazendo para eles a questão e discussão dos negros sobre a independência, as lutas.

OBJETIVO GERAL:

Entender as causas e consequências e a questão da exploração das colônias e também daqueles que não eram considerados espanhóis legítimos.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Entender as diferenças sociais e econômicas do período.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Datashow e o vídeo As Revoluções Americanas

REFERÊNCIAS:

www.histoblog.blogspot.com.br/2009/06/independencia-america-espanhola-e.html

www.anamariahhistory.blogspot.com.br/2010/08/independencia-da-america-espanhola-e-do.html

PLANO DE AULA

GRUPO:

Patrícia Alves dos Santos e Lidiane Felipe Hermínio

TEMA:

Celebrações e poderes simbólicos na visita de D. Pedro II na Parahyba do Norte – 1859.

PÚBLICO ALVO:

3º ano médio EJA

JUSTIFICATIVA:

Exposição sobre a vinda de D. Pedro II a Parahyba do norte e a análise das celebrações promovidas durante a sua visita.

OBJETIVO GERAL:

Compreender os poderes simbólicos e as estratégias usadas pela elite local.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Expor os rituais da monarquia brasileira e as viagens do Imperador e os preparativos para a sua chegada a Parahyba do norte. Os rituais festivos, a recepção e visão dos parahybanos acerca da visita do Imperador.

ATIVIDADE:

Leitura interpretativa.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maurilio Augusto de. **Presença de D. Pedro II na Parahyba**. 2ed. Petrópolis. Vozes, 1982 (1975).

<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article167>